

Talvez alguém tenha reparado na rapariga que viveu na Rua do Loreto, na paragem do 28. Não dizia coisa com coisa. Ele, o combatente, estacionava carros ruas abaixo, na António Maria Cardoso. Ter-se-ão cruzado ou não, terão conversado ou não, foram contemporâneos como duas árvores, dois cães vadios, dois actores, são contemporâneos. Ele andava sempre de manga curta, nunca tinha frio. Ela vestia uma longa saia, camisolas negras e rasgadas. Tapava-se com caixotes. Dormia à chuva. Quem sabe se notavam que mudávamos de passeio para os evitar, mudar de passeio no qual ia a nossa morte e não a sua.

Castanhas assadas à entrada do metro. Lembra-me o que venho perdendo desde criança. A fumarada sobe no ar e se dissolve. O aroma espalha-se pela rua e vem até à António Maria Cardoso, onde ando no meu serviço. Envelheço de mãos vazias. Às vezes, Aurora, a vida é passeio de barco sem remos. De vez em quando, passa muito tempo sem haver carro que dê moeda. A cabeça começa a voar e é difícil apanhá-la. Estou ali, se calhar, vêm-me de pé, a subir e a descer a rua, mas cabeça de Boa Morte vai ao Cais das Colunas, cruza o Tejo até Barreiro, ciranda, Seixal, Sacavém, cabeça de Boa Morte vai em baixo ao Algarve e regressa. Quem diria que eu ia acabar assim, a subir e a descer essa rua de vivos e mortos, a viver da caridade dos outros, a guardar o que não está em perigo? Volta não volta, aparece um casal de namoradinhos sempre pelas sete da noite. Vão beber café no Teatro, já os conheço, dão um euro. Sei a rotina de toda a gente que pára aqui. Passado algum tempo, rua é casa ou escritório da Revison, tem hora marcada e sempre as mesmas caras. Um homem podia esperar que todo o dia fosse novidade. Mas a António Maria Cardoso é relógio acertado por relojoeiro. Somos bichos de hábitos e a cidade é feita da nossa mania de fazer o mesmo à mesma hora. Subo a rua, desço a rua, avanço no meu estudo.

Fico na Rua António Maria Cardoso, perto da Baixa. Boa Morte pega no serviço de manhã cedo, sai do Prior Velho ain-

da de noite. Vento na cara, Lisboa é bem bonita pela manhã. Ontem escrevi até tão tarde que hoje me doem os dedos. São adendas ao plano da horta que estamos a pensar instalar nas traseiras da casa da dona Idalina, nossa senhoria, mas uma coisa de cada vez. Chego no estacionamento, visto o meu colete. Aquilo ali é rua, não tem dono, mas ponho sempre o colete para me sentir, nem sei, empregado.

Teu pai sai para entrar no expediente pelas cinco, cinco e quinze já estou no caminho. O colete é esse colete cinzento que arranjei no Paga Pouco. Vou na carreira a olhar pela janela, durmo um pouco, quando dá para apanhar camioneta, se não, vou a pé, mas digo sempre no meu coração “força, Boa Morte, hora de pegar no serviço”. Lembra até o outro tempo, despachante Boa Morte da Silva, com placa e escritório, secretária boa, folheada com madeira de nogueira, não me esqueço, manufacturada na cidade de Guimarães, senhores da Revison tinham admiração por teu pai, acredita minha filha, cheguei a acompanhar a comitiva da administração lá longe, de Silva Porto, hoje Cuíto, até onde fomos dar entrada das provisões de cacau que iam seguir para Pretória, teu pai era responsável por inventariação de bens e despacho de mercadorias. Meus cadernos, minha mesa de trabalho, minhas camisas, canetas, filha, canetas de aparo, um relógiozinho bonito que me deu o patrão, saudoso doutor Octávio Semedo. Tratado como gente. Então, vou sonhando alto e falo com os meus botões. Comentamos senhoras, meus botões ainda são rapazes novos. Passar na estação é surpresa, toda a semana há alguma coisa nova, sempre muda alguma coisa, abre um café, fecha uma loja, entra rapaz novo para a segurança. Moedas da véspera só dão para a viagem de ida, para a volta tenho de esperar pelo fim do dia. No Chiado, é o nome do lugar, fico na frente do Teatro, edifício grande, bonito. Teatro São Luiz.

Ao lado, fica A Brasileira, onde há uma estátua do poeta Fernando Pessoa, mar salgado, quanto do teu sal são lágrimas de Portugal. De manhã, tenho de ir na obra no fim da rua buscar os pinos que o Jacaré me arranja para marcar os lugares dos

patrões da zona. Estão a construir um condomínio fechado no antigo edifício da Pide. Sai um carro fora, marco um lugar ou dois com os pinos, assim os senhores não têm de procurar lugar. Eles chegam perto das oito, oito e meia, às vezes, vou à lavandaria pegar a camisa dum, me dá dois euros, outra vez, vou pôr menino na escola, mais um euro, ou qualquer coisa, nem que seja um pão com manteiga e uma bica. Às vezes, vou ao balcão d'A Brasileira, porque teu pai não anda sujo, filha. Nunca, nunca, nunca tenhas pena do teu pai.

Aurora, queria ouvir tua voz, escutar as tuas palavras e ver os teus olhos, estar vivo ao teu lado, a respirar como tu. Pagarei caro ao Abdul da tia Nina para levar o maço de folhas e indicação para te procurar em Bissau. Vai junto pulseirinha para ti, não sei nem teu tamanho, calculei com a ajuda da moça da loja. Dia-a-dia aqui está apertado. Penso em ti em Bissau com tantos desacatos, violência, uma alma velha não consegue encontrar descanso. Estudos liceais concluídos, filha? Se calhar, já sou avô e não sei, já sou pai de moça casada e não sei. Peguei lugar no purgatório, secção de estacionamento urbano.

Um homem o dia inteiro na rua vê com cada cara, filha. Meninhos com a mãe e o pai, grandes motorizadas, homens tristes, homens com cara alegre. Mulheres, senhoras, vá, bem vestidas, como só vi em Pretória nos meus tempos. Primeiro me incomodei de ficar o dia todo de pé.

Dava-me uma dor danada nas costas, a cabeça muito cheia, de ver tanta gente. Um homem habitua-se a tudo e sempre dá para o jantar e para o quarto na secção da dona Idalina. Dona Idalina? Santa mulher. Vou sempre à casa da senhoria usar o telefone, outro dia, contei já?, me cortei no dedo a ajudar o Vando a instalar uma parabólica no tasco da secção, foi dona Idalina que me fez o penso e também me arranjou remédio para a dor de cabeça, médico do posto de vez em quando não vem, sei lá quando vem, ou porque não pode, ou porque não conseguiu. Mas novidade, novidade, é essa minha ideia de montar a horta nas traseiras da casa da dona Idalina. Ela cede o terreno e

tem um furo de água. Podia plantar abacate, tomate, nabo, espinafre, batata, se calhar, até cana-de-açúcar. Dava para matar a fome dos miúdos do bairro e também, se calhar, para revender no Rossio, no Largo de São Domingos. Com esse dinheiro, já não tinha de contar só com o estacionamento.

Lembro-me do Chiado, ainda no tempo da reconstrução, depois do incêndio. Está tudo mudado. De manhã, chego quando os padeiros regressam a casa, à noite é só má vida. Aqui se diz “agarrados”, andam de um lado para o outro de madrugada, eu vou com o dinheiro do estacionamento, acelero o passo e estou sempre atento. Parece que os cheiro. Teu velho pai já anda coxo, filha. O tempo esmaga-nos, isso é uma coisa que tu vais aprender quando chegar a tua vez.

Última Primavera, conheci o *Jardel*. Saí da camioneta, estava a choviscar, quando vi esse cão ao meu lado. Pequenito, pulguento, veio atrás de mim do Campo Grande até ao Chiado, nesse dia não deu para apanhar metropolitano, não tinha dinheiro. Desde esse primeiro contacto, pequeno *Jardel* anda comigo para todo o lado, de noite, dorme no Chiado, quando chego já me espera como se tivesse acabado de chegar a casa, não sabe falar, mas me lambe as pernas mal me vê, fica todo feliz a abanar o rabo.

Aquilo no princípio me fez confusão, arre, esse cão, sei lá se tem dono, ainda vão dizer que eu roubei o bicho, mas agora, quando o vejo, me vem uma alegria, a rua ficou um bocadinho mais alegre.

Agora, aqui, é mês de Agosto, cidade adormeceu. Mês de férias é duro, na António Maria Cardoso, não passa carro, não passa ninguém. Vou até Conde Barão, conheço lá uma moça que vive na paragem do eléctrico, são-tomense, mas nascida em Portugal, me dá uma pena.

Passa o dia na paragem do 28, trocamos algumas palavras, sempre que me vê, se eu vou com o *Jardel*, a moça fica alegre, se chama Fatinha, disse-me que tem vinte anos.